

A LINGUAGEM CLÁSSICA DA ARQUITETURA

John Summerson

Tradução
SYLVIA FISCHER

Revisão
MONICA STAHEL



52666

Martins Fontes
São Paulo 1999

Título original: THE CLASSICAL LANGUAGE OF ARCHITECTURE.
Primeira edição de: Thames and Hudson, Londres.
Copyright © 1963 Sir John Summerson and The British Broadcasting Corporation, desta edição. © 1980 Thames and Hudson Ltd., Londres.
Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, 1982, para a presente edição.

1ª edição
agosto de 1982
3ª edição
setembro de 1997
2ª tiragem
agosto de 1999

Tradução
SYLVIA FICHER
Revisão
Monica Stahl
Produção gráfica
Geraldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Camara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Summerson, Sir John, 1904.
A linguagem clássica da arquitetura / John Summerson : [tra-
dução Sylvia Ficher]. — 3ª ed. — São Paulo : Martins Fontes, 1994.
— (Coleção a)

Bibliografia.
ISBN 85-336-0332-0

I. Arquitetura — História. 2. Classicismo na arquitetura I. Título.
II. Série.

94-3680 CDD-722.6
Índice para catálogo sistemático:
1. Arquitetura clássica 722.6
2. Classicismo : Arquitetura 722.6

Todos os direitos desta edição reservados à
Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330/340
01325-000 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 239-3677 Fax (11) 3105-6867
e-mail: info@martinsfontes.com
http://www.martinsfontes.com

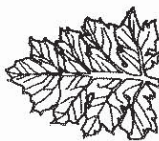
ÍNDICE

Prefácio	1
1. A essência do classicismo	3
2. A gramática da Antiguidade	17
3. A lingüística do século XVI	39
4. A retórica do barroco	63
5. A luz da razão — e da arqueologia	89
6. Do clássico ao moderno	109
Glossário	127
Notas sobre a literatura da arquitetura clássica	141
Créditos das ilustrações	147

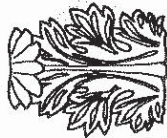
GLOSSÁRIO

ÁBACO. Parte superior do capitel, na qual se apóia a arquitrave (il. 126).

ACANTO. Planta cujas folhas servem de modelo para a ornamentação de capitéis coríntios e compositos (ils. 120 e 121).



120 Folha natural de acanto



121 Acanto estilizado

ACROTÉRIO. Pequeno pedestal — empregado originalmente para sustentar uma escultura, mas frequentemente usado sozinho — colocado nas extremidades ou no vértice de um frontão (il. 132).

ADUELA. Os blocos de pedra ou outro material que formam um arco.

ANFIPRÓSTILO. Ver TEMPLO.

ANTA. Termo equivalente a PILASTRA, em geral aplicado à arquitetura grega, na qual o capitel das antas difere daquele das colunas. Um pórtico é dito *in antis* quando colunas e paredes laterais estão em face (il. 133).

AREÓSTILO. Ver INTERCOLÚNIO.

ARQUITRAVE. A divisão inferior do ENTABLAMENTO. O termo também se aplica, de modo genérico, a qualquer moldura decorativa que guarnece uma porta ou janela, cujo perfil pode ser igual ou não ao de uma arquitrave (il. 127).

ARQUITRAVE-CORNIJA. Um entablamento sem friso.

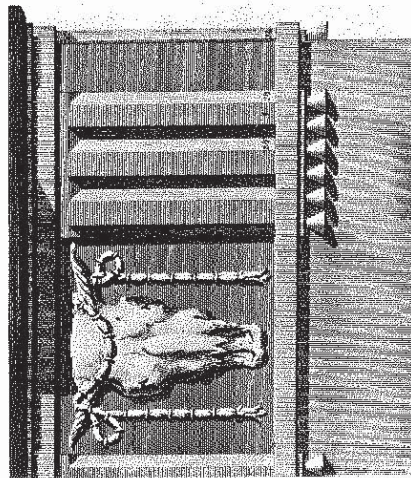
ARQUIVOLTA. Moldura com perfil de arquitrave que guarnece um arco.

ASTRÁGALO. Pequena moldura com perfil semicircular.

ÁTICO. Andar situado acima do entablamento principal de um edifício e integrado à composição arquitetônica, como, por exemplo, em alguns arcos triunfais.

BASE (de uma coluna). Existem três tipos principais. 1, a base ática, mais comum, empregada com todas as ordens, com exceção da toscana; é composta por dois toros intercalados por uma escócia e filetes. 2, a base toscana, composta apenas por um toro e filete. 3, a base formada por duas escócias tendo entre si dois astrágalos com um toro em cima e um embaixo. Esta base, com variações, é empregada com as ordens jônica, coríntia e compósita (il. 128).

BUCRÂNIO. Ornamento que representa uma caveira de boi, geralmente encontrado nas métopas do friso dórico (il. 122).



122 Bucrânio

CANELURA. Sulcos verticais de seção semicircular, ao longo do fuste de colunas. A ordem toscana nunca apresenta caneluras, as quais são opcionais para as outras ordens. Às vezes, o terço inferior das caneluras é preenchido com elementos cilíndricos, chamados rudenturas.

CAPITEL (de uma coluna). Cada uma das cinco ordens possui um capitel próprio. Os capitéis da ordem toscana e da ordem dórica romana são muito simples.

lhantes, sendo que este último possui um número maior de molduras decorativas. Ambos são formados por um ábaco, um óvalo e, na parte inferior, um astrágalo. O capitel jônico distingue-se por suas *volutas*, o elemento espiralado entre o ábaco e o óvalo; às vezes as volutas ficam separadas do óvalo. O capitel coríntio é decorado com duas seqüências de folhas de acanto e caules vegetais. O capitel compósito justapõe folhas de acanto, como as do capitel coríntio, e volutas jônicas.

CARIÁTIDE. Colunas esculpidas em forma de figura feminina. Este nome tem origem na suposição bastante improvável de Virúvio de que os exemplos mais famosos deste tipo de colunas — as do Erectéion de Atenas — representariam prisioneiros cários.

CAVETO. Pequena moldura côncava, cujo perfil é, em geral, um quarto de círculo (il. 128).

CONSOLO. Elemento em balanço, com forma de S, tendo uma extremidade maior que a outra. O consolo possui inúmeras aplicações, seja verticalmente (por exemplo, encostado a uma parede e servindo de apoio a um busto) ou horizontalmente (por exemplo, os elementos que suportam uma galeria em balanço). Chaves de arcos são freqüentemente esculpidas na forma de um consolo.

CONTAS. O mesmo que rosário. Ver ORNAMENTOS.

CORNIJA. A divisão superior do ENTABLAMENTO. A palavra aplica-se a qualquer moldura horizontal que componha um elemento decorativo importante, em particular, as molduras na junção de paredes e teto de um cômodo. Tais molduras geralmente são feitas conforme os perfis tradicionais de cornijas. (il. 127).

CUNHAL. Os ângulos externos de um edifício, em especial quando enfatizados por *rusticação*.

DECÁSTILO. Ver PÓRTICO.

DENTÍCULO. Pequenos blocos dispostos em seqüência, que fazem parte da cornija das ordens jônica, coríntia, compósita e, mais raramente, da ordem dórica (il. 127).

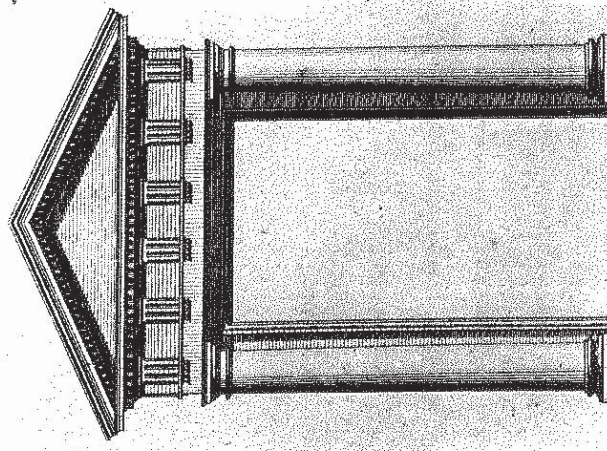
DÍASTILO. Ver INTERCOLÚNIO.

DÍPTERO. Ver TEMPLO.

DÍSTILO IN ANTIS. Disposição de duas colunas entre pilastras ou antas.

DODECÁSTILO. Ver PÓRTICO.

EDÍCULA. Pequena casa, nicho. Moldura que guarnece uma abertura, em geral composta por duas colunas sustentando um entablamento e frontão (il. 123).



123 Edícula

ENTABLAMENTO. O conjunto de elementos horizontais sustentado por uma coluna. As três divisões básicas do entablamento são ARQUITRAVE, FRISO e CORNISA. Destas, apenas a arquitrave e a cornisa possuem subdivisões.

ÊNTASE. Engrossamento do fuste de uma coluna. As colunas clássicas têm diâmetro maior na base do que no capitel; a diminuição de diâmetro começa, em geral, a um terço da altura do fuste, tomando em seguida a forma de uma curva cujo traçado é determinado segundo regras diversas.

EQUINO (il. 129). Ver ÓVALO.

ESCÓCIA. Moldura côncava, comumente empregada entre os toros, na base de colunas (il. 128). O mesmo que macela.

ESTILOBATE. Os degraus sob um pórtico ou colunata (il. 132).

ÊUSTILO. Ver INTERCOLÚNIO.

FAIXA. Moldura plana e simples. É comum a arquitrave composta por duas ou três faixas levemente sobrepostas e, por vezes, separadas por molduras estreitas (il. 127). O mesmo que fasquia e banda.

FILETE. Moldura plana, mais estreita do que a faixa, empregada para separar molduras curvas mais largas numa cornija ou base (il. 127).

FRISO. A divisão central do ENTABLAMENTO. O friso é uma banda plana entre a cornija e a arquitrave (a qual pode ser ou não dividida em faixas). Em geral, o friso dórico contém tríglifos; já nas ordens jônica, coríntia e compósita, o friso pode ser decorado com altos-relevos figurativos (il. 127).

FRONTÃO. Área triangular definida pelos beirais inclinados da cobertura e a cornija de um templo ou de um edifício clássico. Tudo indica que o termo em inglês, *pediment*, seja uma alteração de *periment*, palavra encontrada em relatos ingleses do século XVI e talvez derivada do francês *parament*, que significa revestimento ou fachada. Frontões nem sempre indicam a linha da cobertura, e são frequentemente empregados como ornamento, ainda que de larga escala. Em escala menor, os frontões geralmente coroam aberturas de portas ou janelas. Possuem grande variedade de formas, como, por exemplo, o "frontão segmentar" com topo curvo e o "frontão quebrado" cujos lados inclinados retornam antes de alcançar o vértice (il. 132). O mesmo que empena.

FUSTE. A parte da coluna entre a base e o capitel.

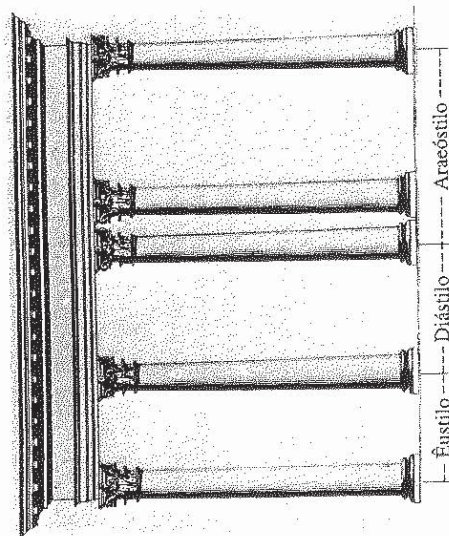
GOLA RETA ou DIREITA. Moldura côncava na parte superior e convexa na inferior (il. 127).

GOLA REVERSA. Moldura convexa na parte superior e côncava na inferior (il. 127).

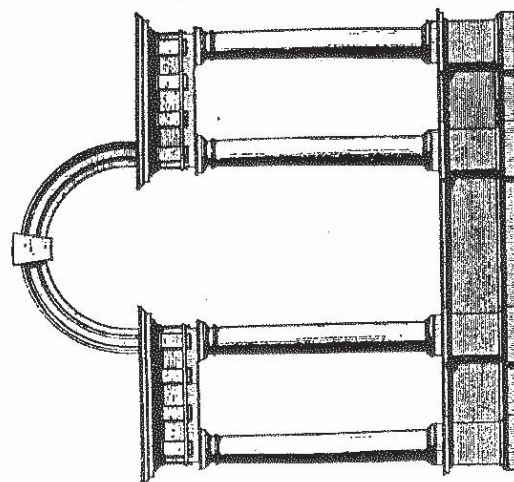
GOTA. Pequenos elementos cônicos esculpidos abaixo das tenias de cada tríglifo da ordem dórica, evidentemente representando cavilhas de madeira. Assim como os tríglifos, as gotas são originárias de protótipos em madeira (il. 129). Também chamada campainha.

HEXÁSTILO. Ver PÓRTICO.

IMPOSTA. Moldura que guarnece o topo dos pés-direitos de um arco.



INTERCOLÚNIO. A distância, medida em diâmetros, entre duas colunas. Os diferentes tipos de intercolúnio apontados por Vitruvius (seguidos pela dimensão do vão em diâmetros) são: *Picnóstilo*, 1 $\frac{1}{2}$ d; *Sístilo*, 2 d; *Êustilo*, 2 $\frac{1}{4}$ d; *Diástilo*, 3 d; *Araeóstilo*, 4 d (il. 124). Outros intercolúnios são encontrados na ordem dórica, onde o espaçamento das colunas é necessariamente definido pelo ritmo dos triglifos e métopas do friso. O êustilo é o intercolúnio mais comum.



JANELA VENEZIANA. Abertura tripla, na qual o vão central, mais largo, é fechado por arco, e os vãos laterais por vergas. Este tipo de janela, que não é tipicamente veneziano, foi empregado por Bramante, Rafael e, mais tarde, Scamozzi. Adotado por Inigo Jones, seu uso foi comum na Inglaterra do século XVI. Burlington empregou, em inúmeros projetos, uma variação feita a partir de um desenho de Palladio, no qual um arco de descarga, concêntrico ao arco menor, envolve os três vãos. Esta solução se manteve em uso pelos arquitetos ingleses até o século XIX (il. 125).

LACRIMAL. A divisão central da cornija, abaixo do cimácio, e que se projeta sobre as molduras inferiores. A parte interna do lacrimal é chamada sófito.

MACIÇO. As áreas de parede entre portas, janelas ou outras aberturas. Os maciços são necessariamente parte da estrutura portante de um edifício; podem ser combinados ou decorados com pilastras, meias colunas, colunas de três quartos de diâmetro, etc.

MÉTOPA. Área quadrada entre dois triglifos no friso da ordem dórica. A métopa não é decorada, a não ser eventualmente, com bucrânios, insígnias ou outros ornamentos (il. 129).

MODILHÃO. Ornamento da cornija das ordens coríntia e compósita. O modilhão é um pequeno CONSOLO ou mão-francesa no qual se apóia o lacrimal. É disposto no sófito de modo a deixar uma área quadrada em baixo-relevo (il. 127). Também chamado mísula.

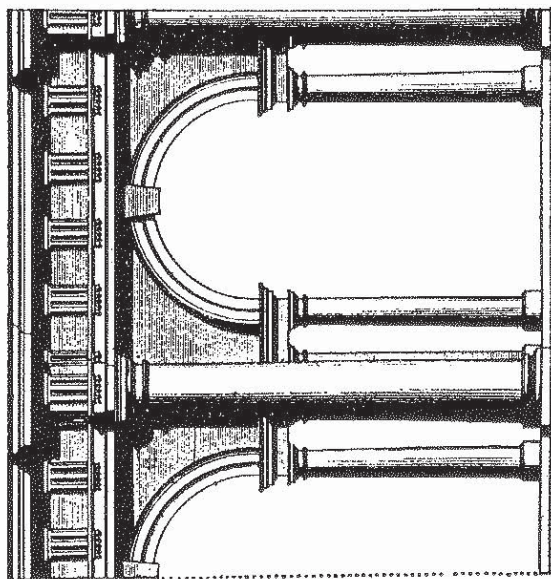
MÓDULO. As dimensões dos diversos componentes de uma ordem são tradicionalmente descritas em módulos, ou seja, a metade do diâmetro da coluna medido logo acima da base. O módulo é dividido em trinta segundos. Às vezes, o próprio diâmetro é chamado módulo, quando então é dividido em sessenta segundos.

MOTIVO PALLADIANO. Este nome, do francês *motif Palladio*, aplica-se à combinação de arcos e colunas conhecida como JANELA VENEZIANA, quando esta é emoldurada por uma ordem principal, como exemplificado na Basílica de Vicenza de Palladio (il. 126).

MÚTULO. Saliência quadrada no sófito do lacrimal do entablamento dórico, acima do triglifo (il. 129). Ver TRÍGLIFO.

OCTÁSTILO. Ver PÓRTICO.

ORDEM. Uma ordem arquitetônica compreende uma coluna e seu entablamento. Um pedestal sob a coluna não é um elemento essencial apesar de os teóricos, de Serlio em diante, indicarem o pedestal apropriado para cada ordem.

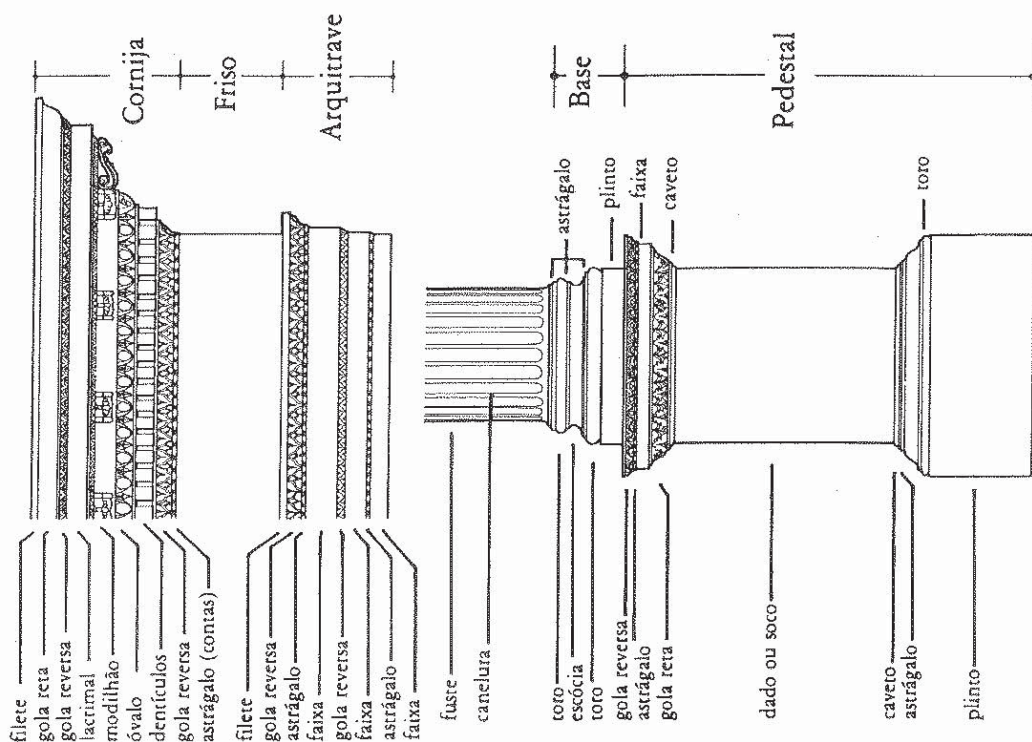


126 Motivo palladiano

ORDEM COLOSSAL. Qualquer ordem na qual a altura das colunas é superior à altura de um andar.

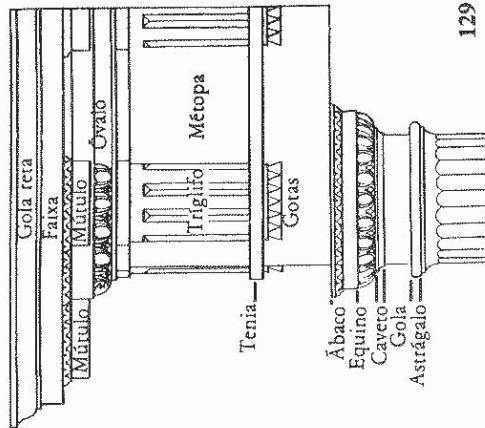
ORDEM COMPÓSITA. Esta ordem, que combina elementos da ordem jônica e da coríntia, não está descrita por Vitruvius, e, provavelmente, é fruto de desenvolvimentos posteriores à sua época. Foi identificada pela primeira vez por Alberti (c. 1450) e ilustrada pela primeira vez por Serlio, como a quinta e mais elaborada das ordens. Também chamada ordem romana.

ORDEM CORÍNTIA. Esta ordem é uma invenção ateniense do século V a.C. Nos exemplos mais antigos, distingue-se da ordem jônica apenas pelo capitel, recoberto por folhas de acanto. Vitruvius, já no século I d.C., descreveu apenas o capitel, "porque a ordem coríntia não possui regras distintas para as cornijas e outros ornamentos"; posteriormente, os romanos desenvolveram características próprias para o entablamento coríntio. Segundo Vitruvius, o projeto original deste capitel foi feito pelo escultor Calímaco, que se teria inspirado em um cesto de brinquedos protegido por uma laje de pedra (o ábaco) e recoberto por folhas de acanto visto no túmulo de uma jovem coríntia. A ordem coríntia, empregada do século XVI em diante, baseia-se em exemplos romanos, em especial os templos de Vespasiano e de Castor e Pollux, no Fórum de Roma.



127, 128 A ordem coríntia: entablamento e base

ORDEM DÓRICA. A ordem dórica grega e a romana têm a mesma origem grega, mas desenvolveram-se de modos diferentes. Possuem em comum: 1, tríglifos no friso, mórulos e gotas no sófio do lacrimai; 2, o capitel composto por ábaco sobre uma ou mais molduras. A coluna dórica grega nunca possui base; quanto à dórica romana, quase sempre possui base, apesar de Vitruvius

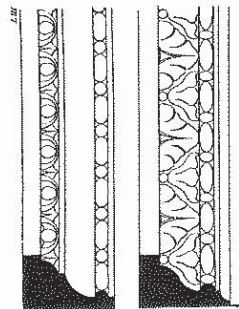


129 A ordem dórica

não recomendar seu uso. O conhecimento adequado e o interesse pela ordem dórica grega ressurgiu em fins do século XVIII, razão pela qual seu emprego é raro no mundo moderno antes de c. 1800.

ORDEM JÔNICA. Os exemplos romanos desta ordem, originária da Ásia Menor em meados do século VI a.C., têm duas características principais: 1, o capitel com volutas; 2, a presença de denticulos na cornija. Foi descrita em detalhe por Vitruvius.

ORDEM TOSCANA. Esta ordem deriva de um tipo antigo de templo etrusco. Conforme a descrição de Vitruvius, possui caráter primitivo com colunas amplamente espaçadas, o que exige o emprego de vigas de madeira. A ordem toscana era considerada, pelos teóricos do século XVI, proto-dórica e a mais grosseira e pesada das cinco ordens.



130 Ornamentos: óvalo-e-dardo, contas, folhas de hera

ORNAMENTOS. Cada tipo de moldura deve ser decorado com ornamentos apropriados. Deste modo, o óvalo é decorado com o motivo *óvalo-e-dardo*, a gola reversa com o motivo de folhas de hera e o astrágalo com o motivo *contas* ou *rosário* (il. 130). Para a gola reversa, raramente decorada, os motivos adequados são folhas de louro e madressilvas. Além destes, existe uma vasta gama de ornamentos que se aplicam aos diferentes elementos das ordens.

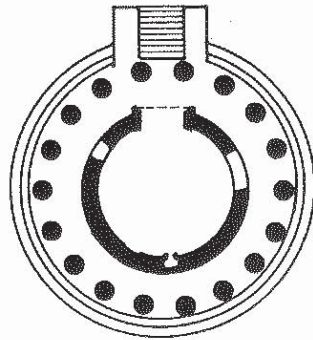
ÓVALO. Moldura convexa cujo perfil é, geralmente, um quarto de círculo (il. 127).

PEDESTAL. Elemento sob uma coluna (il. 128). Ver ORDEM.

PÉ-DIREITO. Maciços de alvenaria que suportam o empuxo de um arco.

PERÍPTERO. Ver TEMPLO.

PERISTILO. Colunata contínua que contorna um templo ou um pátio (il. 131).



131 Peristilo

PICNÓSTILO. Ver INTERCOLÚNIO.

PILAR. Termo de uso comum que não possui significado específico no contexto da arquitetura clássica.

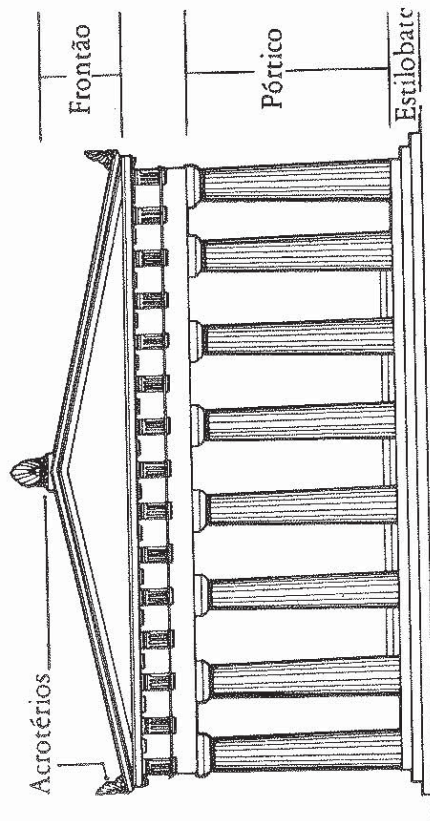
PILASTRA. Representação em relevo, sobre uma parede, de uma coluna. Às vezes, a pilastra é considerada a parte visível de uma coluna quadrada parcialmente embutida em uma parede. As pilastres são sempre decorativas, ainda que possuam função estrutural, podendo funcionar como *responds*, ou seja, um espessamento da parede correspondente a uma coluna cujo entablamento suportam.

138 A LINGUAGEM CLÁSSICA DA ARQUITETURA

PLINTO. Soco quadrangular sob uma coluna ou um pedestal (il. 128).

PÓDIO. Plataforma sobre a qual se assenta um edifício clássico.

PÓRTICO. Passagem abrigada. Em geral, este termo é aplicado à projeção apoiada sobre colunas à frente de um templo. Pórticos deste tipo são classificados segundo o número de colunas, a saber: *Tetrástilo* (4), *Hexástilo* (6), *Octástilo* (8, il. 132), *Decástilo* (10) e *Dodecástilo* (12). Aos exemplos com apenas duas colunas entre pilastras ou antas aplica-se a expressão *Distilo in antis* (il. 133).



132 Pórtico octástilo

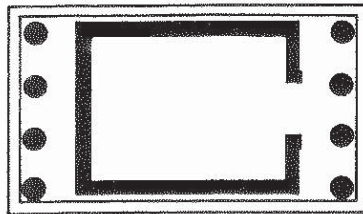
PRÓSTILO. Ver TEMPLO.

PSEUDODÍPTERO. Ver TEMPLO.

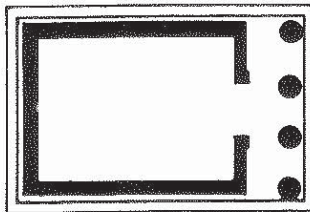
PSEUDOPERÍPTERO. Ver TEMPLO.

RUSTICAÇÃO. Alvenaria (ou imitação de alvenaria) onde as juntas entre as pedras são deliberadamente profundas. Nesta alvenaria, as pedras, quando aparilhadas, recebem uma textura marcante.

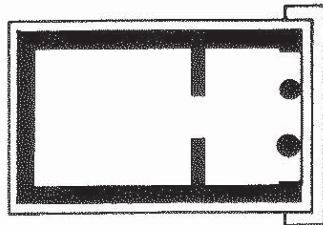
SÍSTILO. Ver INTERCOLÚNIO.



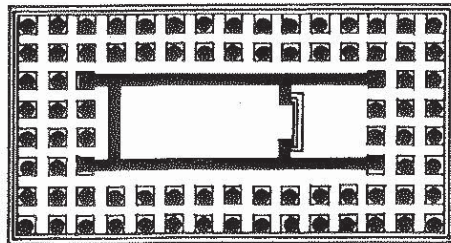
135 Templo anáprosto



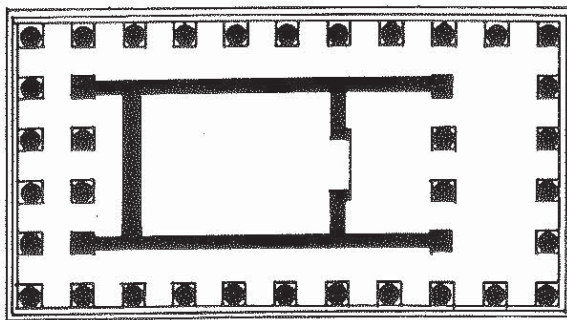
134 Templo próstilo



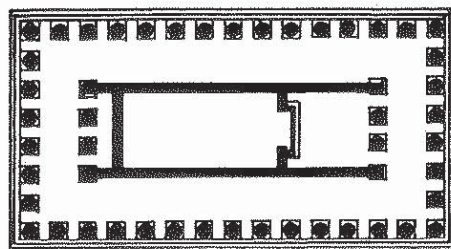
133 Templo com colunas in antis



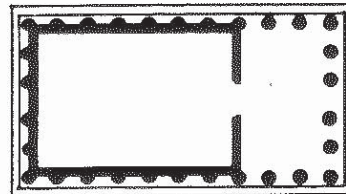
137 Templo díptero



136 Templo períptero



139 Templo pseudodíptero



138 Templo pseudoperíptero

SÓFITO. A parte inferior de qualquer elemento arquitetônico como, por exemplo, de um lacral ou de uma arquitrave, na porção que não está apoiada numa coluna.

TEMPLO. Conforme a disposição das colunas, os templos podem ser classificados em: *Próstilo*, templo com pórtico apenas no frontispício (il. 134); *Anfipróstilo*, templo com pórticos na frente e atrás (il. 135); *Períptero*, templo com pórticos unidos por colunatas abertas ao longo de todos os lados (il. 136); *Pseudoperíptero*, templo com pórticos unidos apenas por pilastras ou colunas em relevo (il. 138); *Díptero*, templo com pórticos unidos por seqüências duplas de colunas ao longo de todos os lados (il. 137); *Pseudodíptero*, templo com a mesma disposição que o anterior, porém sem a seqüência interna de colunas (il. 139).

TENIA. Faixa estreita saliente, entre a arquitrave e o friso da ordem dórica (il. 129). O mesmo que *taenia*.

TETRÁSTILO. Ver PÓRTICO.

TORO. Moldura de perfil semicircular empregada na base de colunas (il. 128).

TRÍGLIFO. Elemento do friso da ordem dórica que possui dois sulcos verticais no meio e dois meios sulcos nas laterais. Acima do tríglifo fica o mútulo e abaixo, as gotas. O conjunto é uma paráfrase em alvenaria de componentes característicos da construção em madeira (il. 129).

VOLUTA. Ver CAPÍTEL.

NOTAS SOBRE A LITERATURA DA ARQUITETURA CLÁSSICA

Mesmo na Antiguidade, a arquitetura clássica dependeu sempre de preceitos e, portanto, de tratados escritos. O próprio Vitrúvio deixou muito clara sua dívida para com autores anteriores, e o classicismo no mundo moderno dependeu muito de Vitruvius. Por isso, as edições de sua obra têm precedência em qualquer levantamento geral da literatura da arquitetura clássica. Depois de Vitruvius, os tratados italianos do século XVI são os de maior importância, seguidos pelos tratados de outros países que se referem invariavelmente a Vitruvius ou aos italianos. As listas que vêm a seguir foram selecionadas de modo a incluir apenas os tratados mais conhecidos e representativos dos principais países europeus.

Vitrúvio

Vitrúvio escreveu *De Architectura* no primeiro quarto do século I d.C., o único tratado sobre arquitetura de um escritor romano que sobreviveu, sendo copiado e recopiado através da Idade Média. O mais antigo manuscrito que ainda existe está no Museu Britânico (Harl. 2767); pertence ao século VIII e foi provavelmente escrito por Jarow. Existem mais dezesseis manuscritos medievais posteriores em várias bibliotecas europeias. O primeiro texto impresso apareceu em Roma, por volta de 1486. As edições seguintes foram a de Fra Giocondo (Florença, 1522) e Philander (Roma, 1544). As traduções ilustradas de Cesarino (Como, 1521) e Daniele Barbaro (Veneza, 1567; com ilustrações de Palladio) foram extremamente importantes. Do século XVI em diante foram feitas traduções, paráfrases e comentários em quase todas as línguas europeias. Uma boa tradução com texto moderno é a de Frank Granger, feita para Loeb Classical Library (Heinemann, 1931; 2ª ed. 1944-56, 2 vols.).